

Educomunicação: o avesso dos algoritmos e reconfigurações comunicativas no contexto escolar

Douglas Oliveira Calixto

Jornalista, mestre e doutor em Ciências da Comunicação pela ECA-USP. Pesquisador de pós-doutorado no Departamento de Multimeios, Mídia e Comunicação, Instituto de Artes, UNICAMP. Docente de Publicidade e Propaganda na Universidade Presbiteriana Mackenzie. Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)
E-mail: dcalixto@unicamp.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4280-769X>.

Resumo: Este artigo analisa a influência de algoritmos no contexto escolar. Protocolos numéricos e sistemas de predição na internet passaram a reconfigurar a trama cultural. Com efeito, as dinâmicas escolares são atravessadas pelos códigos simbólicos em trânsito em plataformas mediadas por dinâmicas algorítmicas, tais como Instagram, TikTok e YouTube. Em pesquisa de campo no extremo sul de São Paulo, sistematizamos evidências que demonstram o entrelaçamento dos algoritmos com práticas culturais de docentes e discentes. Na interface Comunicação e Educação, apresentamos análises de como a comunidade escolar interage com influencers, vídeos curtos e outras produções mobilizadas por algoritmos.

Palavras-chaves: educomunicação; algoritmos; TikTok; educação; cibercultura.

Abstract: This article analyzes the influence of algorithms in the school context. Numerical protocols and predictive systems on the internet have reconfigured the cultural fabric. Consequently, school dynamics are traversed by symbolic codes circulating within platforms mediated by algorithmic logics such as Instagram, TikTok, and YouTube. Based on fieldwork conducted in the southern periphery of São Paulo, we systematize evidence that demonstrates the entanglement of algorithms with the cultural practices of teachers and students. At the interface of Communication and Education, we present analyses of how the school community interacts with influencers, short videos, and other productions mobilized by algorithms.

Keywords: educommunication; algorithms; TikTok; education; cyberspace.

Recebido: 23/09/2025

Aprovado: 11/11/2025

1. INTRODUÇÃO

É necessário preservar o avesso, você me disse. Preservar aquilo que ninguém vê. Porque não demora muito e a cor da pele atravessa o corpo e determina nosso modo de estar no mundo. [...] Pois entre músculos, órgãos e veias existe um lugar só seu, isolado e único. E é nesse lugar que estão os afetos (O Avesso da Pele, Jeferson Tenório).

Os algoritmos cumprem papel decisivo no funcionamento das redes digitais contemporâneas. Trata-se de ferramenta responsável por coletar, sistematizar e operacionalizar o fluxo de informações na internet. Sob o controle majoritário das *Big Techs*, os algoritmos condicionam a experiência comunicativa no contexto digital: linguagens, afetos e relações sociais são mediadas por cálculos que criam parâmetros e diretrizes para a navegação online.

A dinâmica algorítmica é amplamente reconhecida no tecido social (Zuboff, 2019; Silva, 2023; Amadeu da Silveira, 2021) e, com efeito, passou a tensionar as sociabilidades no contexto escolar. Os processos comunicativos de docentes e discentes são atravessados por essa lógica: *influencers*, vídeos curtos, *stories*, *reels*, *shorts* e múltiplas publicações hoje organizam as formas de ser e estar no mundo. Os desdobramentos desse processo são diversos e estão entrelaçados com graves transformações sociotécnicas resultantes na presença cada vez maior das tecnologias no cotidiano da escola. É imperioso, nesse sentido, superar as abstrações que marcam a presença dos algoritmos no tecido social e analisar dados que revelam a abrangência do fenômeno. Em outros termos, compreender como algoritmos influenciam os gostos e interesses de docentes e discentes, quais são os sentidos e interpretações que emergem a partir da relação com *influencers*, *youtubers* e, sobretudo, como cálculos e previsões numéricas reconfiguram as relações sociais no contexto escolar.

Nessa perspectiva, este artigo analisa como escolas públicas em regiões periféricas de São Paulo são interpeladas pelas questões acima mencionadas. O objetivo foi de verificar os desdobramentos de interações mediadas por plataformas digitais no cotidiano de estudantes e professores. Sistematizamos evidências de como os jovens interagem com *influencers*, vídeos curtos e outras produções típicas da internet. Da mesma forma, registramos dados de como docentes reagem à lógica algorítmica e ao universo cultural dos discentes. Na análise, verificamos uma evidente fragmentação de gostos e interesses na comunidade escolar. Vale dizer, as *timelines* do Instagram, TikTok e YouTube — as redes sociais mais mencionadas no estudo — cumprem papel decisivo para a constituição das sociabilidades, jogos de linguagem, e gostos e preferências midiáticas.

O conceito de algoritmo é fundamental para esclarecer como cálculos numéricos dinamizam aquilo que se vê nas redes. Contudo, como explicita o título do trabalho, a pesquisa é voltada ao *avesso*. O designativo, com referência a Tenório (2020), busca adentrar no território do que não está visível no

primeiro momento e, por vezes, é desconsiderado nas análises de algoritmos e Inteligências Artificiais (IAs). Buscamos elaborar um recorte epistemológico que desloca o foco de atenção dos meios às mediações (Martín-Barbero, 2021) e intenta compreender o fenômeno comunicativo a partir de mediações educocomunicativas (Citelli; Soares; Lopes, 2019): quais são as interpretações e jogos de linguagem presentes no TikTok, Instagram e Youtube? Quais são as dinâmicas de projeção e identificação que alunos e alunas fazem com influenciadoras e influenciadores? Quais são as temáticas e formatos mobilizados por algoritmos que circulam entre os adolescentes?

A literatura nacional nos empresta a sensibilidade necessária à análise das indagações acima — que também interpolam as tecnologias no contexto escolar. Em *O avesso da pele*, Jefferson Tenório (2020) mostra como a violência e as complexas relações raciais exigem a inversão da lógica para permanecer firme aquilo que está ao contrário das aparências e daquilo *que se vê*: sangue nas veias, ancestralidade e a luta pela justiça social. O avesso, na obra magistral, indica como a cor da pele não esgota a dimensão do sensível, das vivências. Neste artigo, em um sentido aproximado, avesso indica que a lógica instrumental dos algoritmos não esgota os jogos de linguagem e a ordem perceptiva dos usos comunicacionais. O conceito representa um recorte epistemológico que permite reconstituir o fenômeno das experiências comunicativas na periferia de São Paulo, onde, por vezes, há poucos esforços para compreender e sistematizar o conhecimento para além das aparências, para além da pele.

2. METODOLOGIA

No decorrer do curso de doutorado (Calixto, 2023), foi realizada uma investigação na Diretoria Regional de Ensino (DRE) Campo Limpo, na zona sul de São Paulo, com estudantes e professores da rede pública paulistana. Nesse processo, reunimos dados e evidências capazes de colocar à prova as hipóteses sobre como os algoritmos vêm influenciando a experiência comunicativa e gerando deslocamentos na percepção e sociabilidades. Partimos do princípio de que plataformas digitais não são meios neutros e padronizados, mas sim remodeladores do universo cultural. Esse cenário evidencia um descompasso entre os sistemas de ensino e o *ritmo do TikTok*, marcado por prazeres efêmeros e conteúdos de curta duração, o que gera tensões nas relações escolares.

Diante do problema buscamos verificar se esses pressupostos, de fato, tinham materialidade social. Em outros termos, pesquisamos e construímos dados capazes de superar as abstrações numéricas dos algoritmos a fim de compreender como essas ferramentas interferem efetivamente nas relações entre docentes e discentes. Nossa premissa é de que as discussões sobre as *Big Techs* e o negócio multibilionário dos algoritmos pouco reconhecem o que grupos historicamente às margens, nas periferias da cidade, têm a dizer, como

interagem e os possíveis desdobramentos no cotidiano. Assim, a DRE Campo Limpo foi o lugar onde foi posicionado o objeto de pesquisa.

Em termos metodológicos, a abordagem do trabalho foi qualitativa. Ou seja, não houve pretensões estatísticas ou de ampliar as análises para além das três unidades educacionais, a saber, as Escolas Municipais de Ensino Fundamental (EMEFs) Vera Lúcia Fusco Borba, Deputado José Blota Júnior e Pracinhas da FEB, pertencentes à DRE Campo Limpo — que formaram o *corpus* empírico da pesquisa. Trata-se, assim, de estudo com abordagem de representatividade não-estatística (Lopes, 2005).

Foram utilizados três instrumentos principais de pesquisa: a) observação direta por meio de atividades guiadas por um formulário online — no qual foram criados processos de interação, estimulando as condições para diálogos sobre a lógica algorítmica e para a reconstituição da experiência vivencial da internet; b) rodas de conversa: estudantes e docentes foram convidados a debater e analisar coletivamente os dados produzidos e sistematizados nas atividades de pesquisa; c) aplicação de questionário estruturado com Professores de Orientação Digital (POEDs) durante a realização do ciclo formativo da DRE Campo Limpo. No total, além das visitas preparatórias e reuniões online com coordenadores e corpo diretivo, foram realizadas 12 atividades presenciais de pesquisa.

Os procedimentos acima descritos reuniram 112 discentes, entre 13 e 15 anos de idade, do 9º ano do ensino fundamental, e 69 POEDs. O estudo foi realizado em 2023 nas três unidades educacionais mencionadas, além de encontros na sede da DRE Campo Limpo com os POEDs com o intuito de discutir e analisar conjuntamente os dados produzidos junto aos estudantes. A metodologia buscou garantir as condições para a reconstituição do fenômeno naquilo que é tangível do ponto de vista comunicativo: as interações, os diálogos e as mediações que surgem imbricadas com algoritmos. *O avesso* é um recorte epistemológico para superar abordagem determinista que analisa algoritmos estritamente a partir do funcionamento das redes digitais — território marcado pela caixa-preta do negócio multibilionário das *Big Techs* (Empoli, 2020).

Esse trabalho resultou em um conjunto amplo de informações que puderam sistematizar, classificar e desenvolver a análise das principais ocorrências. A premissa para o tratamento de dados foi de que eles pudessem reconstituir a dimensão vivencial do grupo pesquisado. Para as análises e resultados a serem apresentados a seguir, foram triangulados os achados com o marco teórico posicionado na interface Comunicação e Educação, que articula a crítica às operações das *Big Techs* (Fisher, 2023), as mediações culturais (Hall, 2016) e, claro, as mediações educomunicativas (Citelli, 2020). Em razão dos limites espaciais, foi realizado um recorte específico dos resultados e fatos de significação que evidenciam a essência das inter-relações entre algoritmos e as mediações educomunicativas, contextualizando os dados apresentados com preceitos teóricos. A ampliação da discussão teórica, assim como procedimentos

metodológicos e categorias de análise, estão publicadas na tese de doutorado resultante da investigação (Calixto, 2023).

3. ALGORITMOS E EDUCOMUNICAÇÃO

No campo da matemática, os algoritmos representam aplicações responsáveis por identificar padrões em problemas, estabelecendo um caminho de resolução a diversas situações e equações. Trata-se de um sistema numérico que elabora um percurso lógico, com indução e dedução, a fim de resolver tarefas. No jargão da programação computacional, os algoritmos apresentam-se como uma *receita de bolo*, ou seja, um conjunto de operações para que uma equação aconteça. A comparação sugere processo semelhante à seleção de ingredientes, medidas e critérios para levar um bolo ao forno. Com o avanço tecnológico nas últimas décadas, os algoritmos ganharam alta complexidade ao serem integrados ao funcionamento da internet. Para além de instrumentos, passaram a configurar as dinâmicas sociais por meio da mediação tecnológica. Nesse cenário, a *receita* indica como os fluxos de informações serão sistematizados para chegar a um resultado esperado. Trata-se de um emaranhado de aplicações e protocolos numéricos que organizam a arquitetura de funcionamento da internet.

Os algoritmos coletam, sistematizam e analisam uma quantidade exponencial de dados, calculando e registrando comportamentos, antecipando padrões de consumo e editando informações a partir de mercados e nichos de interesse. Tal dinâmica é multifatorial e depende do objetivo estipulado pelo programador computacional. Aquilo que está disposto nas *timelines*, plataformas de *streaming*, aplicativos diversos — redes sociais, transporte, *apps* de mensagens, sistemas bancários, encontros amorosos, *games*, alimentação, entre muitos outros — são apresentados a partir das previsões e resoluções construídas pelos cálculos algorítmicos.

Não cabe aqui historicizar ou ampliar aspectos matemáticos do funcionamento algorítmico. A abordagem reconhece que os limites instrumentais dos algoritmos devem ser contextualizados em um espectro maior: a sociedade contemporânea. Mais do que operações lógicas, tal recorte significa que há interesses socioeconômicos presentes em cada etapa das previsões. O algoritmo seleciona e condiciona informações que atendem aos interesses do comércio, das tendências ideológicas que sustentam as *Big Techs* e, sem dúvida, das dinâmicas neoliberais de desregulamentação e culto à dimensão individual (Dardot; Laval, 2019). Organizado por algoritmos, os conteúdos dispostos na tela do celular representam as movimentações e os interesses de um mercado ávido pela atenção e pelos dados dos consumidores. Logo, a suposta objetividade matemática não passa de miragem quando consideradas as implicações tecnossociais de cada cálculo que condiciona aquilo a que as pessoas terão acesso ou não.

A exploração racional dos afetos faz com que essas ferramentas sejam determinantes para que *se pule* de um conteúdo para outro, de publicação em

publicação. Sob a égide da *happycracia* (Cabanas; Illouz, 2022), os usuários, assim, encontram fonte inesgotável de entretenimento e funcionalidades básicas: pedir comida, solicitar um táxi, aplicativos de relacionamento, ouvir música, operações financeiras, apostas no mercado das *bets*, compras com entrega imediata e diversas outras searas da vida humana. Dessa forma, é imperioso reconhecer que a relação entre seres humanos e tecnologias está situada em um contexto histórico e social, e os algoritmos acabam por interferir em como os sujeitos sociais estão se relacionando com a trama cultural.

É nesse cenário que plataformas influenciam o cotidiano escolar. Daí que os fios dialógicos entre comunicação e educação são mobilizados pela importância central dos algoritmos no cotidiano. O discurso escolar é tensionado a partir de elementos simbólicos resultantes da interação entre a escola e a lógica algorítmica: com o acesso à internet, docentes e discentes hoje convivem com códigos e linguagens que passam pela seleção e classificação de notícias, músicas, vídeos, dispositivos culturais — como memes, paródias e peças humorísticas — e, consequentemente, têm recorte específico em como a realidade é reconstituída.

Um dos principais desdobramentos dessas operações é a personalização extrema da experiência comunicativa. Durante o processo de investigação nas escolas, verificamos que a convivência é desafiada por uma pulsão de *o que vem a seguir* e da *satisfação pessoal*. Estudantes e professores estão imersos na lógica de receber conteúdos que atendem aos desejos e aos afetos singulares das experiências pessoais. Para cada música, *stories*, *reels* ou vídeos curtos, os cálculos algorítmicos estão concentrados em descobrir o que vai gerar interesse no nível individual. Nesse sentido, especialmente na escola — onde o imperativo é (ou, pelo menos, deveria ser) a construção conjunta do conhecimento —, lidar com o contraditório e com experiências não formuladas no âmbito individual passou a gerar tensões de diversas naturezas. Há pouca paciência, os interesses são difusos e alunos e professores encontram poucas oportunidades para compartilhar um universo cultural comum (Pariser, 2012). Em comparação ao conviver, às trocas simbólicas e ao diálogo, vale mais aquilo que gera satisfação imediata e personalizada.

Constata-se no mundo contemporâneo uma miríade de *influencers*, músicos, celebridades, atletas profissionais, humoristas, jornalistas e muitas outras possibilidades que apresentam conteúdos difusos, sem linearidade e, por vezes, continuidade reflexiva. A lógica presente no processo, que dá organização narrativa, está presente naquilo que pode gerar atenção e cliques no nível individual. Com efeito, garantir que os estudantes possam convergir em termos de aprendizagem é tarefa árdua quando a cultura contemporânea configura estímulo contínuo ao *o que eu ganho com isso?*, *isso não me interessa, isso serve para quê?* e outras assertivas relacionadas aos processos de desregulamentação e fragmentação social.

É possível discutir amplamente as resultantes desse processo a partir da crítica à lógica das bolhas, à influência das *Big Techs* para modular a experiência

humana e à desagregação do tecido social como sintoma do capitalismo de vigilância (Noble, 2021). Todavia, o enfoque deste estudo está centrado na abordagem teórico-metodológica que desloca o foco de interesse dos meios às mediações. Ou seja, mais do que instrumentos dedicados a influenciar — quando não manipular —, é possível reconhecer as tecnologias como uma interação contínua entre humanos e não-humanos, reconfigurando os jogos de linguagem e a trama cultural. Nessa perspectiva, a tradição intelectual latino-americana sobre a interface Comunicação e Educação oferece um caminho teórico-metodológico para compreender os deslocamentos e transições que circundam a inserção dos algoritmos no cotidiano.

Os vínculos de Comunicação e Educação são decisivos para a compreensão de como o contexto escolar convive com deslocamentos engendrados por novas racionalidades e interferências que emergem das macroestruturas do mundo contemporâneo. Assim, a Educomunicação é acionada aqui exatamente como uma área do conhecimento que ocupa a discussão sobre tecnologias sob uma perspectiva sistêmica. Mais do que aplicativos, computadores e redes sociais na escola, a Educomunicação busca compreender como são produzidos, circulam e são interpretados os bens simbólicos que passaram a dinamizar as sociabilidades no contexto escolar. O conceito de ecossistema comunicativo (Citelli, 2011; Martín-Barbero, 2014; Soares, 2011) articula diferentes autores que, em um sentido aproximado, mostram que comunicação e educação se tornaram áreas estratégicas quando consideramos as transformações sociais decorrentes da presença cada vez maior da mídia no cotidiano.

Na lógica algorítmica, a inter-relação entre as duas áreas oferece caminhos para compreender como as trocas simbólicas integram o discurso escolar, as práticas na sala de aula e, também, os deslocamentos de saberes. Superar o dualismo entre emissão (conteúdos nas *timelines*) e recepção (interpretação e ressignificação de conteúdos), ou mesmo de seres humanos e técnicas, é uma premissa para compreender como algoritmos influenciam o ecossistema comunicativo escolar e, consequentemente, passam a mediar como estudantes reagem e interpretam interconexões discursivas. Ou ainda:

De toda forma, importa lembrar a existência dessas interconexões discursivas alimentadoras dos jogos (co-)enunciativos que terminarão por ativas as sequências de mensagens em suas variações confirmadoras, transformadoras ou negadoras dos assuntos em circulação. Equivale dizer: existem os sujeitos que operam múltiplos contornos dos signos recebidos, tenham eles natureza verbal ou não-verbal, (re)configurando-os — ou, segundo nossos termos, elaborando propriamente os sentidos —, a partir de variáveis sociais e culturais que servem de referência formadora àqueles sujeitos (Citelli, 2004, p. 143).

A comunidade escolar tem novos parâmetros de participação e engajamento, e o frequente desinteresse com as aulas pode ser compreendido, entre outras coisas, pela atual forma de circulação de conhecimento: mediação algorítmica. Nessa perspectiva, as tecnologias devem ser compreendidas no espectro relacional que elas possuem com os jovens. Os resultados da pesquisa foram atingidos a

partir dessa intencionalidade relacional e sistêmica, buscando sistematizar as variáveis culturais, sociais e os fios dialógicos entre a macroestrutura dos algoritmos e as sociabilidades em trânsito nas três unidades de ensino pesquisadas.

4. RECONFIGURAÇÕES COMUNICATIVAS NA ESCOLA

A lógica algorítmica revela-se, em primeira instância, no tipo de interação dos estudantes na internet. Durante a investigação, foi questionado *o que eles mais gostam de fazer nas redes sociais*. Entre os 112 estudantes, 58 declararam — cada um ao seu modo — que *assistir*, *ver vídeos* ou simplesmente *ver* são as atividades que mais geram interesse. Em diversos níveis, isso significa que assistir aos *influencers* é uma das principais conexões da lógica algorítmica com o universo cultural dos jovens. A totalidade dos participantes afirmou navegar no Instagram, TikTok e Youtube, as três plataformas mais citadas, com uma intensidade média de pelo menos cinco horas durante o dia. Mais do que fotos, comentários ou troca de mensagens, assistir aos vídeos é a ação mais proeminente nesses espaços. Ou seja, trata-se de um uso abrangente, com muitas horas de utilização, conectado a cálculos e predições algorítmicas. *Assistir*, *ver vídeos*, *ver stories*, *assistir dancinhas* e expressões correlatas revelam que essa dinâmica sociotécnica integra profundamente o cotidiano dos jovens.

Há diversas implicações desse fenômeno. Abastecidos com conteúdos feitos sob medida, observou-se um desinteresse ou falta de abertura dos jovens para conteúdos que não pertencem a um universo específico de seleções feitas por algoritmos. Durante as atividades nas três escolas, sempre que apresentados conteúdos plurais, não pertencentes a um nicho específico (como funk, *lifestyle* ou esportes, por exemplo), uma parte significativa dos estudantes não participava ou sequer interagia. A desmobilização diante de algo não feito pelos parâmetros dos algoritmos é um dos achados da pesquisa, sistematizado e apresentado na tese de doutorado.

Outro dado relevante é a fragmentação profunda de gostos e interesses resultante desse ritmo intenso de *ver vídeos*. Perguntou-se aos estudantes *qual é o seu influenciador(a) favorito(a)*. A título ilustrativo, o quadro 1 apresenta a íntegra das respostas para demonstrar como os conceitos de personalização extrema da comunicação e a fragmentação dos padrões culturais podem ser observados.

Quadro 1: Lista de influencers citados por estudantes na pesquisa

1) MC IG	38) Cbum	75) VihTube	112) Demi Lovato
2) Veigh	39) Ramon Dino	76) Roger Guedes	113) Fran Japa
3) Giovana Dib	40) Rickzin	77) Yuri Alberto	113) Orichinho
4) Luna Carrilho	41) Mari Maria	78) Felipe Titto	114) Doa

5) Julia Alvarenga	42) Amanda Araújo	79) Podpah	115) Ryhanna
6) Kelin Uess	43) Inemafoo	80) João Caetano	116) Michael Jordan
7) Renato Garcia	44) Tigresa Vip	81) Luis Mora	117) Steph Curry
8) Mirella Santos	45) Kid Bengala	82) Henny	118) Ludmilla
9) DJ Gouveia	46) Virgínia Fonseca	83) Maju Rossi	119) Lucas Inutilismo
10) Vinícius Alves	47) Marielly Santos	84) Lívia	120) DJ Arana
11) Bitgamer	48) Kayblack	85) Clara Pimentel	121) Zendaya
12) MC Hariel	49) Baco Exu do Blues	86) Larissa Manoela	122) Clara Garcia
13) MC Paiva	50) Kyan	87) @kikavei	123) Paulinho o Loko
14) Neymar	51) Djonga	88) BTS	124) Player Tauz
15) Cristiano Ronaldo	52) BK	89) Corinthians	125) Maethe
16) Loud Coringa	53) Anitta	90) MC Ryan	126) Smzinho
17) Menokabrinha	54) Casimiro	91) MC Don Juan	127) Gkay
18) Nino Abravanel	55) MC Tato	92) Vanessa Lopes	128) Stackz
19) Buzeira	56) Javon	93) Hytalo Santos	129) Thiago Ventura
20) Marina Ruy Barbosa	57) Felca	94) Geovana Did	130) Karoline
21) NBA	58) Alanzoka	95) Hidro	131) Ceci
22) Zollim	59) Banheirista FC	96) Ine e Taspio	132) Jessi
23) Messi	60) The weekend	97) Deolanne	133) Coutinho
24) Meno Tody	61) Bruno Mars	98) Páginas Futebol	134) Cellbit
25) Vitor Lo	62) Felipe Neto	99) Juliana Perdomo	135) Super Xandão
26) Gabigol	63) Luara	100) Nalim	136) MC Jhonny
27) Jefferson Calleri	64) Bruninha	101) Três de Outubro	137) Peter Jordan
28) Breier	65) Felca	102) Kamaitachi	138) Spider Slok
29) Mmotivation	66) Games Eduu	103) Carol Biazin	139) Guilherme Batista
30) Cortes do podcast	67) Maisa	104) Elana Dara	140) Romulo Russo
31) Shiny_sz	68) Jazzghost	105) Nando Lek	141) Ian Somerhalde
32) Luisa Mel	69) MRguinas	106) Futparódias	142) Joseph Morgan
33) Luisa Sonsa	70) Souzones	107) Lucas Cordeiro	143) Phobe tonkin
34) Iluana Maia	71) Gabs	108) Canal de Skills	144) Luba TV
35) Menor Bruno	72) Core	109) Kamylinha	145) Jean Luca
36) Whinderson Nunes	73) Kksaiko	110) Sina Deinert	146) Francine
37) Lucas Motovlog	74) Binho Player	111) Tom Felton	147) Lojas de Produtos

Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

Com a lista, pode-se explorar dois aspectos. Primeiro, entre 112 participantes, encontra-se 147 menções distintas. É possível observar uma quantidade considerável de páginas e personalidades da internet que são desconhecidas — considerando, é claro, o público adulto e um contexto *mainstream* das redes

sociais. Alguns discentes mencionaram mais de um influenciador. Porém, há uma amplitude de interesses entrelaçados sobre o que esses *influencers* e páginas na internet significam e representam aos discentes.

Segundo, não cabe aqui esgotar a análise sobre o que o Quadro 1 significa, mas vale ressaltar a amplitude das diferenças. No total, 69 professores também responderam a mesma pergunta sobre a predileção de *influencers*. As respostas indicaram 105 diferentes citações distintas, incluindo canais no Youtube, celebridades e figuras públicas. Mário Sérgio Cortella, Leandro Karnal, Iberê Thenório, Preta Rara, Lula, Guilherme Boulos e, principalmente, Diogo Almeida — citado diversas vezes —, foram os únicos influenciadores a serem mencionados mais de uma vez pelos professores.

A diferença cultural entre adolescentes e adultos não é um aspecto surpreendente. É presumível, não apenas pela questão etária, mas também simbólica, que esses grupos tenham preferências díspares. O que chama atenção, e assim classificamos como uma evidência, é a profundidade das diferenças. O trabalho foi construído na DRE Campo Limpo, na zona sul de São Paulo, com indivíduos que estão estabelecidos em uma região comum. Contudo, é perceptível que as diferenças, mesmo em um contexto sociocultural aproximado, sejam tão amplas em termos de citações e referências. Na comparação entre alunos e professores, totalizando 252 *influencers*, apenas MC Hariel, Virgínia Fonseca e Baco Exu do Blues foram nomes citados em comum por docentes e discentes.

Os POEDs manifestaram grave preocupação com a natureza dos conteúdos compartilhados pelos jovens: *fúteis*, *irrelevantes*, *violentos* e *sem nexo* foram alguns dos conceitos suscitados pelos docentes ao tratar dos conteúdos que mobilizam os estudantes. No decorrer da pesquisa ficou claro, porém, que os professores conhecem pouco das temáticas exploradas pelos jovens e fazem suposições estéticas e musicais a partir dos próprios gostos ou interesses. Há um claro descompasso entre o que pensam, sentem, vestem e expressam os jovens com aquilo que os docentes observam nessas experiências. Nessa relação, observamos caricaturas, estereótipos e, em alguns casos, preconceitos sobre os interesses dos estudantes.

Todavia, tais apreensões não são obra do acaso e encontram justificativa pertinente junto aos docentes. Funks proibidões com exaltação à liberação sexual, conteúdos com teor misógino, vídeos com ostentação e apologia ao dinheiro fácil, músicas com exaltação à violência e *influencers* de moda e *lifestyle* que ficaram milionárias ao mostrar a rotina de maquiagens e viagens, entre diversos conteúdos simbolizam um universo semântico que contrapõe os intentos pedagógicos nas salas de aula. *Contrapor* quer dizer, ao interesse formativo para a cidadania, ao respeito à diversidade e às garantias fundamentais, à luta contra a discriminação e toda forma de violência que exclui e sufoca os contextos periféricos. Os docentes verbalizaram durante as atividades de pesquisa o desconforto de lidar com temáticas que geram tensões e não estão conectadas com o currículo básico.

Daí pode-se dizer que encontrar um universo cultural compartilhado representa desafio contumaz diante da lógica algorítmica. Ao triangular os dados à luz do referencial teórico, foi possível verificar que para além do *desconhecido*, os gostos da comunidade escolar revelam dificuldade de apreensão, sensibilização e conexão entre pares. A escola representa hoje um dos poucos espaços de convivência que não é marcado pelo individual e personalizado. A rotina nas salas de aula não é organizada por cálculos de algoritmos, mas sim por mediações pedagógicas e interações sociais. Nesse sentido, surgem as tensões, o descompasso cultural e incompREENsões de diversas naturezas.

Há razões e justificativas para que os conteúdos apresentados pelos jovens façam sentido apenas em uma circunstância particular e específica: *a timeline* de navegação nas redes sociais. Não é obra do acaso que cada *influencer*, cada vídeo curto ou conteúdo sejam capazes — após a teorização sobre algoritmos — de agregar informações capazes de exemplificar os deslocamentos de saberes e os movimentos de um mundo em transformação. Embora os influenciadores e celebridades não estejam fisicamente em contato com a DRE Campo Limpo, o processo narrativo, os comportamentos e as visões de mundo desses atores mobilizam a ordem perceptiva dos estudantes, que repercutem, ressignificam e atribuem valor à realidade — e, claro, à rotina escolar. O *ritmo do TikTok*, como foram classificadas as dinâmicas algorítmicas no contexto da inter-relação Comunicação e Educação, leva às escolas uma espécie de *efeito do real*, como se a *timeline* estivesse também presente, seja no pátio, no laboratório de informática, seja nas aulas, e também, no que dizem os estudantes. A linguagem também desempenha papel performativo, e assim, as temáticas múltiplas das plataformas digitais constituem a ordem perceptiva e as sociabilidades em trânsito na escola.

A exponencial diversidade de *influencers* evoca uma miríade de emoções, permitindo que os jovens atribuam significado à sua realidade através de um jogo de projeção e identificação. Gostar e interagir com um *influencer* abre caminhos para demonstrar que há, nas periferias, afetos associados ao conceito de *favela venceu*, à sexualidade, às relações étnico-raciais, ao desejo de expressão, à identificação com quem um dia *já foi como você*. Os usos e apropriações dos conteúdos no TikTok, Youtube e Instagram mostraram, no decorrer da pesquisa, a essência das relações sociais na região do Campo Limpo: desejos de transgressão (a partir dos vídeos de ostentação), violências simbólicas (expressas pelo funk proibidão e conteúdos adultos compartilhados pelos estudantes) e desejo de superar um estado geral de privações (*favela venceu*).

Um dos achados da pesquisa revela também que, embora a lista de 147 menções distintas seja um imperativo, ao examinar de forma sistemática as interpretações atribuídas aos nomes, identificamos similaridades e pontos de convergência. Assim, o universo multifacetado à primeira vista, quando analisado de forma detida, revela semelhanças nos padrões. Vale dizer, embora diversos funkeiros sejam mencionados individualmente (e muitos estudantes que gostam de funk não conheçam as citações dos colegas sentados ao lado), uma análise aprofundada de seus conteúdos, estilos e músicas revela uma notável consistência

sobre as temáticas que abordam, as músicas que produzem e, principalmente, o *modelo* de suas publicações.

A pluralidade de *influencers* compartilha temáticas como carros, motos e outros elementos da cultura periférica, além de expressarem ideias semelhantes e publicarem conteúdos idênticos, sugerindo uma lógica comum subjacente. Isso ressalta um contrassenso em nosso argumento: embora haja uma proliferação de nomes e influenciadores, cada um atendendo a interesses individuais e fragmentados, uma análise mais profunda revela uma notável padronização nos conteúdos, na linguagem utilizada e nas formas de expressão que ressoam com os jovens. Tal fenômeno identificado na pesquisa demonstra o pleno funcionamento da lógica algorítmica: enquanto atendem demandas individuais, algoritmos também promovem formatos que são considerados relevantes e compartilham semelhanças visíveis. Além disso, os produtores de conteúdo adaptam suas publicações para garantir uma maior disseminação por meio dos algoritmos.

Conforme assevera Beiguelman (2021), há milhões de publicações em todo o mundo mostrando atividades diversas, mas que, em diversos níveis, parecem todas iguais. São pequenas revoluções diárias (ou instantâneas) que mantêm tudo no mesmo lugar. Vale dizer que a análise não tem o propósito de subestimar a criatividade e o talento dos influenciadores. A homogeneização está associada com os cálculos numéricos que impulsionam determinados conteúdos em detrimento de outros. Com efeito, há um padrão reconhecível: o estilo informal de gravar vídeos com celular, a câmera próxima ao rosto para criar uma sensação de intimidade, edições rápidas, conteúdo com apelo sexual ou sensual, humor e sorrisos para tornar o vídeo atraente. Com todas essas variações, identificou-se um padrão comum denominado *ritmo do TikTok*. Trata-se de uma busca por conteúdos efêmeros, destinados a provocar risos e a incentivar ciclos contínuos de *o que vem depois*.

Na etapa de análise de dados, aspectos numéricos e ocorrências frequentes não foram os únicos critérios para estudar os algoritmos. Ou seja, entre os 147 nomes citados pelos estudantes, diversos foram mencionados de forma pontual — sendo devidamente registrados no diário de campo quando possível — e, assim, as interações e dinâmicas na sala de aula também constituíram um critério para observar os fatos mais representativos ao nosso objeto de pesquisa. Assim, adotou-se como critério a proximidade semântica e os vínculos lógicos e discursivos que eles e elas estabelecem entre si e, claro, entre os estudantes. Na figura 1, abaixo, uma das concentrações temáticas mais relevantes nesse sentido:



Mirella Santos
16,1 milhões de
seguidores - Instagram

Veigh
4,3 milhões de
seguidores - Instagram

DJ Gouveia
620 mil seguidores -
TikTok

MC Paiva
6,1 milhões de
seguidores -
Instagram

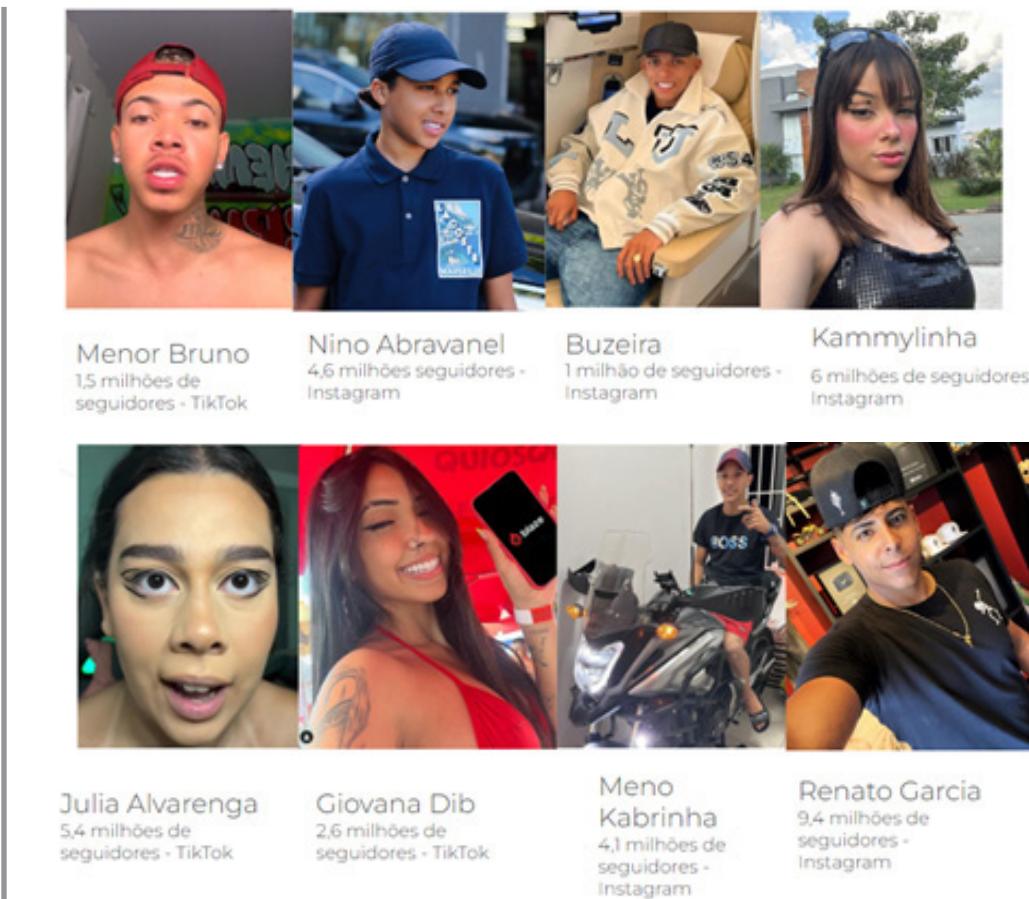


Figura 1: Influenciadoras(es) que foram citados de forma recorrente durante a pesquisa.

Fonte: Imagens retiradas do Google (2023).

Após sistematização dos dados, considerou-se que os 12 jovens na Figura 1 — cada um ao seu modo e, com suas peculiaridades — são capazes de sintetizar como circulam os códigos simbólicos e os jogos de linguagem junto aos discentes. Os participantes do estudo demonstraram afinidade e alto interesse, destacando o *sucesso*, a *alegria*, a *personalidade* e o *estilo* de cada um dos mencionados. Alunos das três EMEFs pesquisadas gostam do que dizem, das músicas, do humor, das roupas, da ostentação, das tatuagens, das motos e carros e de várias manifestações culturais presentes nos 12 *influencers*. Evidentemente que há diferenças e nem todos os 112 participantes do estudo se identificam com esse grupo particular de *influencers*. Mas observou-se que esse grupo temático versa sobre assuntos do cotidiano periférico e foram esses 12 *influencers* que geraram mais atenção e discussão nas rodas de conversa, evidenciando que há uma conexão aprofundada entre o que compartilham nas redes e os afetos dos estudantes. Uma das professoras participantes do estudo, ao conhecer essa lista durante as atividades com os POEDs, sintetizou o que foi classificado de jogos de projeção e identificação, conforme o quadro de respostas 1:

Quadro de resposta 1: Registro feito na atividade de pesquisa com POEDS

Respondente 1

Vejo essa lista e vejo os meus próprios estudantes, como se estivessem na minha sala de aula.

Fonte: Autor (2023).

A seleção na Figura 1 não reduz a 12 o número de menções ou conteúdos que potencialmente poderiam revelar aspectos similares. Entendemos que Kammylinha, Buzeira, Nino Abravanel, Menor Bruno, Renato Garcia, Meno Kabrinha, Giovana Dib, Julia Alvarenga, MC Paiva, DJ Gouveia, Veigh e Mirella Santos representam um conjunto mais abrangente de produtores de conteúdo que têm aderência junto aos estudantes, conforme o depoimento do professor Respondente 1. Mais do que isso, observa-se na Figura 1 a potencialidade de sintetizar centenas de outros que poderiam ser citados em uma pesquisa qualitativa, a depender do contexto sociocultural e geográfico. Entende-se que o estilo, o mecanismo de condução, a estética e outros fatores presentes nesse grupo de influenciadores fixam o modelo algorítmico a ser reiterado como sistema de repetição, cálculos e predições de gostos e interesses. Abaixo, nos quadros de respostas 2 e 3, como alguns estudantes atribuem sentido e interpretam a importância dos *influencers*.

Quadro de resposta 2: Registro do diário de campo feito na EMEF Blota Júnior

Respondente 1

Eu gosto de funk porque é favela. Eu vou gostar do que? Não tem jeito, professor.

Fonte: Autor (2023).

Quadro de respostas 3: Significado atribuído aos influencers pelos discentes

Respondente 2 sobre o músico Veigh	Respondente 3 sobre a influencer Mirella Santos
<i>O Veigh é zica demais. Favela venceu, entendeu?</i>	<i>Eu gosto da personalidade dela. Surgiu do nada e agora faz sucesso.</i>
Respondente 4 sobre Renato Garcia	Respondente 5 sobre Kammylinha
<i>Eu gosto de carros, por isso sigo ele. Quero ser igual a ele em breve.</i>	<i>Ela é autêntica, divertida, espontânea, assim como eu sou.</i>
Respondente 6 sobre Meno Kabrinha	Respondente 7 sobre Veigh
<i>Ele desenrola demais, não tem medo de nada, é tipo os moleques do Jardim Ângela.</i>	<i>O lance é ganhar dinheiro, ele conseguiu.</i>

Fonte: Autor (2023).

Os depoimentos colhidos revelam o já mencionado processo de vinculação e identificação. Os algoritmos buscam, em última instância, gerar engajamento, ou seja, garantir que os usuários da internet fiquem o maior tempo possível diante das telas. A Figura 1 e os quadros de resposta com depoimento dos estudantes indicam que os participantes do estudo encontram *influencers* de uma realidade aproximada, com traços étnico-raciais semelhantes, que num impulso digital, passaram a ter milhões de seguidores e, consequentemente, milhões de reais nas contas bancárias. Daí uma possível explicação para que fiquem horas e horas no dia seguindo, assistindo vídeos e interagindo com esses *influencers*. Considerando a lógica algorítmica, possivelmente se a pesquisa fosse feita meses antes ou meses depois as respostas e citações poderiam ser sensivelmente distintas. Todavia, acredita-se que esses 12 *influencers* carregam traços que são mais duradouros e poderiam sintetizar as preferências e gostos numa escala maior. Entende-se que, mesmo que os nomes citados mudem, como resultante da efemeridade algorítmica, essas estruturas sociais e trocas simbólicas são mais proeminentes e duram mais do que um *deslizar dos dedos* ou novo lançamento de um *single proibido*.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considera-se o *avesso do algoritmo* como elemento central das preocupações epistemológicas. É fundamental destacar que esse conceito não pretende instaurar um dualismo entre o algoritmo e seu suposto *inverso*, como se fossem partes separadas de uma mesma unidade. O objetivo, ao contrário, é iluminar o modo como as dinâmicas sociais passaram a ser mediadas por um agente tecnossocial capaz de influenciar sociabilidades no contexto contemporâneo. Entre as *Big Techs* e os jovens participantes desta pesquisa, estabelece-se uma dinâmica híbrida que envolve, de um lado, a predição e a criação de padrões de consumo e, de outro, as apropriações e usos de vídeos curtos, memes e outras expressões próprias das redes sociais pelos discentes. O *avesso* corresponde, em última instância, ao reconhecimento da importância da voz e da expressão comunicativa dos jovens e professores da zona sul de São Paulo. A dimensão algorítmica, nesse sentido, apenas se materializa na relação entre sujeitos e tecnologias, pois é nessa interação que os discursos se concretizam por meio da linguagem.

O *avesso do algoritmo* busca, assim, revelar aquilo que não é imediatamente visível no campo das aparências — nas *timelines*, *stories*, *reels* e outras interfaces —, isto é, como os discentes interpretam códigos simbólicos e discursos enunciados (publicados, postados, compartilhados), que se tornam marcadores singulares das sociabilidades contemporâneas. Não conseguimos observar, ler, ouvir ou sentir diretamente um algoritmo. Contudo essa tecnologia está presente no cotidiano em cada interação: quando pedimos um Uber, quando fazemos uma encomenda no iFood, quando pesquisamos no Google ou quando interagimos nas

redes sociais. A cada passo, a cada rastro digital, predições numéricas ordenam informações na web, decidindo o que será ou não disponibilizado aos usuários.

O exercício de visibilidade/invisibilidade pode constituir um caminho estratégico para que os sistemas de ensino se posicionem frente à influência dos algoritmos, desenvolvendo ciclos de ensino-aprendizagem que enfatizem mecanismos de cobrimento, encobrimento e descobrimento. Ao reconhecer que os discursos e jogos de linguagem visíveis — *stories, reels*, vídeos curtos, *reacts*, memes, notícias, resultados de busca no Google, bem como conteúdos de plataformas como Netflix ou Youtube — são efeitos de dinâmicas invisíveis, tais como padrões de inclusão e exclusão, abre-se espaço para que educadores promovam o desenvolvimento do pensamento crítico. Dessa forma, os jovens podem explorar os limites de uma realidade editada e disponibilizada *sob medida* nas telas. Ao investigar as interpretações e os jogos de linguagem associados aos algoritmos, encontramos entrelaçamentos pouco perceptíveis sob a ótica instrumental da comunicação, mas que se tornam reveladoras quando observados a partir das trocas simbólicas e discursivas.

6. REFERÊNCIAS

AMADEU DA SILVEIRA, Sérgio. A hipótese do colonialismo de dados e o neoliberalismo. In: AMADEU DA SILVEIRA, Sérgio.; CASSINO, João Francisco.; SOUZA, Joyce. (orgs.). **Colonialismo de Dados**. São Paulo, SP: Autonomia Literária, 2021.

BEIGUELMAN, Giselle. **Políticas da imagem**: vigilância e resistência na dadosfera. São Paulo: Ubu editora, 2021.

CABANAS, Edgar.; ILLOUZ, Eva. **Happyocracy**: fabricando cidadãos felizes. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

CALIXTO, Douglas de Oliveira. **O avesso dos algoritmos**: sociabilidades na escola e mediações educomunicativas no ritmo do TikTok. Tese (Doutorado) — Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023. DOI: <https://doi.org/10.11606/T.27.2023.tde-20122023-123018>

CITELLI, Adilson. **Comunicação e Educação**: a linguagem em movimento. 3^a edição, São Paulo: Senac São Paulo, 2004.

CITELLI, Adilson (coord.). **Relatório ‘Inter-relações comunicação e educação no contexto do ensino básico’**. MECOM. Grupo de Pesquisa Mediações Educomunicativas. São Paulo: ECA/USP, 2020. Disponível em: <https://bit.ly/4jiiprJQ>. Acesso em: 10 jan. 2025.

CITELLI, Adilson Odair; SOARES, Ismar de Oliveira; LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. Educomunicação: referências para uma construção

- metodológica. **Comunicação & Educação**, v. 24, n. 2, p. 12-25, 2019. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9125.v24i2p12-25>.
- CITELLI, Adilson. Comunicação e educação: implicações contemporâneas. In: CITELLI, Adilson; COSTA, Maria Cristina Castilho (org.). **Educomunicação: construindo uma nova área do conhecimento**. São Paulo: Paulinas, 2011.
- DARDOT, Pierre.; LAVAL, Christian. **Never-ending nightmare: the neoliberal assault on democracy**. London: Verso, 2019.
- EMPOLI, Giuliano. **Os engenheiros do caos**. São Paulo: Vestígio, 2020.
- FISHER, Max. **A máquina do caos: como as redes sociais reprogramaram nossa mente e nosso mundo**. São Paulo: Todavia, 2023.
- GOOGLE (2023). Disponível em: <www.google.com>. **Pesquisa nos mecanismos de busca**. Múltiplos acessos.
- HALL, Stuart. A ideologia e a teoria da comunicação. **Matrizes**, São Paulo: USP, v.10, n. 3 set.–dez., 2016.
- LOPES, Maria Immacolata Vassalo de. **Pesquisa em Comunicação**. São Paulo, Edições Loyola: São Paulo, 2005.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. **A comunicação na educação**. São Paulo: Contexto, 2014.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. 8^a edição. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2021.
- NOBLE, Safiya. **Algoritmos da opressão: como o Google fomenta e lucra com o racismo**. Santo André: Rua do Sabão, 2021.
- PARISER, Eli. **The filter bubble: what the internet is hiding from you**. Nova York: The Pinguim Press, 2012.
- SILVA, Tarcízio. **Racismo algorítmico: inteligência artificial e discriminação nas redes digitais**. São Paulo: Edições Sesc, 2023.
- SOARES, Ismar. **Educomunicação, o conceito, o profissional, a aplicação**. São Paulo: Paulinas, 2011.
- TENÓRIO, Jefferson. **O avesso da Pele**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- ZUBOFF, Shoshana. **A era do capitalismo de vigilância: a luta por um futuro humano na nova fronteira do poder**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2019.